

Importações de dados em projetos de implementação de um CMMS

Rita Araújo | Consultora na Navaltik Management | raraujo@manwinwin.com

Um software de gestão de manutenção (CMMS - Computerized Maintenance Management System), é hoje em dia, indiscutivelmente, uma ferramenta fundamental para a organização e gestão da manutenção.

É cada vez mais comum a existência de informação dos objetos de manutenção em suporte informático, porém não centralizado onde todos os intervenientes do processo tenham acesso a essa informação.

O presente artigo aborda a temática de transferência de dados de, e para, um CMMS provenientes de uma outra base de dados, ficheiro *Excel*, ficheiro *CSV*, ou outro tipo de ficheiro.

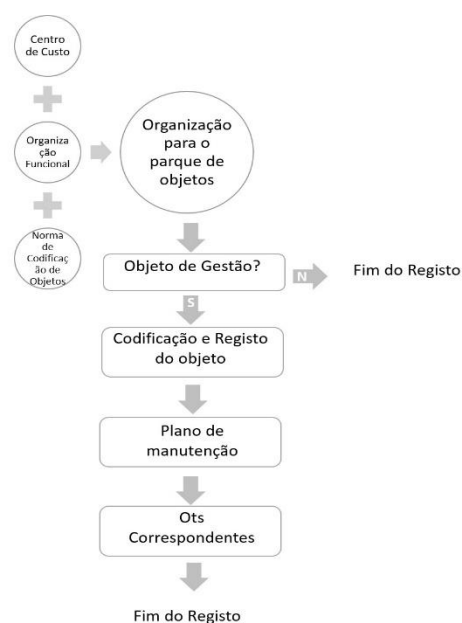


FIGURA 1 - ADAPTADO DE CABRAL, 2013

Antes de avançar com a recolha da informação relativa aos objetos de manutenção, é necessário ter presente a correta definição destes objetos e a informação necessária para a sua introdução num CMMS, consideram-se numa primeira fase apenas os objetos de gestão, ou seja, objetos que têm um plano de manutenção, para o qual serão produzidas ordens de trabalho, onde haverá acumulação de histórico. Na Figura 1, encontram-se as diferentes fases com a respetiva informação necessária no registo de um objeto de Manutenção.

A recolha de informação relativa aos objetos de manutenção pode ser realizada de uma de três formas: através de um levantamento físico dos objetos de manutenção, importando os dados dos Equipamentos/objetos de manutenção (baseando-se em informação existente ou em outro suporte informático) ou uma junção dos dois métodos.

Importação em suporte próprio que não uma base de dados (CMMS)

Este primeiro tipo de importação, corresponde a uma importação de dados numa empresa que adquire pela primeira vez um software de gestão de manutenção, querendo passar a informação contida num determinado ficheiro ou aplicação existente, para o CMMS.

Existem vários problemas que podem advir deste tipo de importação, nomeadamente:

Falta de Formação

É bastante provável os técnicos da empresa não estarem, totalmente, familiarizados com a componente conceptual da organização e gestão de manutenção. Isto pode conduzir a um excesso de equipamentos, falta de informação sobre os mesmos nomeadamente, características técnicas e planos de manutenção.

É muito importante nesta fase o apoio e condução do consultor, neste caso o implementador, que poderá em alguns casos levar a uma reestruturação total do ficheiro inicial preparado pelo utilizador do CMMS.

Organização funcional e Codificação

Quando é adquirido um CMMS, os equipamentos ou eram geridos através de um ficheiro, numa aplicação desenvolvida pela empresa ou de forma nenhuma. É comum neste tipo de situações não haver estruturação funcional da instalação (o raio- X da organização) ou codificação lógica dos equipamentos, caso exista, o mais provável é ser uma “manta de retalhos” criada em função das necessidades.

A organização funcional é a radiografia da instalação, estruturando os equipamentos segunda a função na mesma. Esta estruturação permite que caso haja uma anomalia num determinado equipamento, rapidamente se defina a extensão da mesma e o seu impacto no desempenho global da função em que está inserido.

A codificação dos objetos de gestão, deve ser única e com uma lógica que faça sentido para cada realidade de trabalho, lógica essa que permita que o equipamento seja rapidamente encontrado na estrutura da organização.

Antes de qualquer importação de dados, o consultor juntamente com o utilizador do CMMS (cliente) deve definir/restruturar a codificação do equipamento e a organização funcional. Este passo é fundamental para a correta importação e gestão dos objetos de manutenção. Não é viável fazer a importação, sem esta definição à priori, só iria tornar todo o projeto mais confuso e moroso, desmotivando todos os intervenientes.

Velhos Hábitos

Quando uma organização adquire um CMMS, fá-lo porque percebeu que o sistema anterior não era eficaz e como tal quer mudar, no entanto, apesar de a empresa ter procurado uma mudança, os intervenientes diretos neste processo podem não estar dispostos a mudar. É por isso fundamental envolver todos os colaboradores neste processo, sensibilizando-os para esta necessidade. A resistência à mudança, pode inviabilizar o projeto á partida pois torna difícil a resolução dos problemas acima referidos.

Aqui o consultor tem um papel fundamental na maneira como conduz o processo. Terá de ser bastante firme nas mudanças que têm de ser realizadas, fazendo com que a empresa compreenda a necessidade das mesmas. Deve ainda, evitar completamente a importação cega dos dados sem fazer as alterações necessárias, uma vez que se o fizer, o CMMS poderá nunca vir a funcionar ou ser útil.

Importação de dados de outro CMMS

Este segundo tipo de importação corresponde a uma situação de troca de CMMS querendo que os dados do antigo CMMS passem para o novo. Existem problemas comuns à situação anterior, mas podem surgir outros problemas:

Linguagem

Os softwares podem ter linguagens, nomenclaturas e processos de funcionamento completamente diferentes, o que torna praticamente inviável uma transferência direta. Os dados provenientes do CMMS antigo devem ser alvo de uma prévia e cuidada análise e interpretação, e colocados no formato definido pelo consultor.

Este trabalho, idealmente, deveria ser feito pelo cliente acompanhado do consultor, pois o cliente é quem melhor conhece os dados e o funcionamento do antigo CMMS, ao passo que, o consultor é profundo conhecedor do novo CMMS, sabe como deve ser tratada e importada a informação, bem como se é possível concretizar todas as transferências que o utilizador pretende, o que nem sempre é. Contudo, na maioria dos projetos, este trabalho é feito apenas pelo consultor, o que pode atrasar o projeto e eventualmente, comprometer a qualidade da informação introduzida no novo CMMS.

Histórico

Na situação de troca de CMMS, surge uma questão pertinente: “Posso importar o meu histórico de manutenção?” ou seja, importar para o novo CMMS as ordens de trabalho realizadas, indisponibilidades, encomendas, inventários, custos e indicadores, do antigo.

A resposta a esta pergunta é “sim”, no entanto, devem ser definidas regras. Em primeiro lugar tem de ficar complementarmente definido o que faz sentido importar para o novo CMMS, aqui o consultor tem, mais uma vez, um papel fulcral. Após definir o que deve ser importado (e esta definição não deve sofrer alterações durante o projeto) a informação tem de ser trabalhada e adaptada ao novo formato do CMMS. Idealmente este deveria ser um trabalho conjunto, Cliente-consultor.

Mesmo seguindo este procedimento, tem que ficar claro que quando se adota um novo CMMS, as estruturas das bases de dados e a constituição da informação são diferentes, tabelas e campos não compatíveis ou existentes numa aplicação e não na outra. Como tal alguma informação pode não ser passível de importação.

Conclusão

Uma importação de dados não precisa de ser uma batalha perdida à partida se for um processo bem conduzido e se forem respeitadas algumas regras.

Um dos grandes problemas nas importações, prende-se com o facto da informação chegar às mãos do consultor num ficheiro impercetível, com excesso de informação e feito à maneira de quem o utilizava. A principal chave para uma boa importação é a informação ser introduzida num formato especificado pela empresa que desenvolve o CMMS contendo toda a informação que a mesma ache relevante. Deve ser o cliente a preencher esse documento, uma vez que este será quem melhor conhece os seus objetos de manutenção.

Devem ainda ficar claras as regras de codificação dos objetos antes de qualquer importação de dados, tendo a “coragem” de quebrar completamente com codificações anteriores se estas não fizerem sentido.

A aquisição de um CMMS, seja uma troca ou a sua aquisição pela primeira vez, é uma oportunidade para “arrumar a casa”. Permitindo à empresa transformar possíveis maus hábitos em boas práticas, aprender novos processos e conceitos. É um bom momento para (re)fazer um inventário dos equipamentos e perceber o nível de manutenção que faz sentido para cada realidade (faz sentido um motor ser um objeto de gestão?). Através do acompanhamento de um consultor este processo tornar-se-á muito mais simples e sem dúvida que terá mais possibilidades de sucesso futuro.

Importar? Tendo em conta, e evitando as situações descritas acima (inconsistência na codificação, excesso de informação, fraca qualidade da informação, resistência à mudança...). Sim! Mas nem tudo faz sentido. Caso contrário talvez não fosse necessária a adoção de um (novo) CMMS.

Referências Bibliográficas

[1] CABRAL, José Paulo Saraiva, Gestão da Manutenção de equipamentos, instalações e edifícios, LIDEL, 2013